«CASTRO ALVES»

(Conferência pronunciada na União Brasileira de Escritores)

JACOB PENTEADO

«Castro Alves não foi um homem: foi uma convulsão da natureza»
(Agripino Grieco)

Em 1585, já viviam, na Bahia, de 3 a 4 mil africanos e, em 1714, a proporção de negros para brancos era de vinte para um. Em 1807, o número de negros, ali, era igual ao de brancos e mestiços reunidos. E quase todos haviam entrado como escravos, trazidos para a lavoura, para os duros trabalhos do eito. A princípio, os portugueses tentaram escravizar os índios, mas êstes, seminômades, não se adaptavam e refugavam o serviço. Portugal, vinha fazendo tráfico de escravos desde 1433, bem antes, portanto, do descobrimento do Brasil. A proximidade da costa da África, aliás, facilitava essa prática desumana, embora muito comum na época. Guiné, ilha de São Tomé, Congo, Angola, Moçambique eram os mercados mais procurados. E isso durou cêrca de 400 anos, atingindo o auge nos séculos XVIII e XIX, devido à procura dessa mão-de-obra para a mineração, cata de ouro, exploração de diamantes e o desenvolvimento da lavoura da cana e do café. Assim, milhões de africanos entraram em nosso país, sendo que, em 1800, só para a Bahia, eram empregados vinte navios dos cinqüenta destinados a tal comércio, desde 1781. Ainda que muitos morressem na viagem, o negro dava boa margem de lucro, pois, em Pernambuco, no comêço do século XIX, cada indivíduo era avaliado em 32 libras esterlinas, mais caro do que um boi, que valia 31. Depois de um tratado entre o Brasil e a Inglaterra, em 1831, para abolir êsse nefando mercado, ainda aqui entraram para mais de 500.000 africanos.

Os fazendeiros não podiam prescindir de braços, e o do negro era o mais econômico. Os brancos consideravam humilhante o trabalho da terra, e ouvia-se, amiúde, o ditado: «Trabalho é para negro e cachorro».

O problema era tão importante que o próprio Imperador D. Pedro II, ao abrir a Câmara, em 1854, no Rio de Janeiro, disse: «A necessidade de uma população mais radicada e industriosa se torna cada vez mais urgente». Os próprios visitantes ilustres que por aqui estiveram também eram de opinião de que o desejo do govêrno brasileiro de aumentar as fôrças trabalhadoras do país de uma maneira artificial, por afluxo do exterior, era algo de muito sério. Nessa época, a população negra constava de mais de dois milhões de almas. E acrescentavam: «Num país onde o trabalho é considerado vergonhoso, porque o mesmo é executado por escravos, e não honorífico, como em outros países, êste fato impediu o desenvolvimento da agricultura e da indústria. Não só os escravos não tinham interêsse em se esforçar, também os senhores eram preguiçosos e a decadência econômica se tornava cada vez mais evidente. Esta situação indigna só pode ser superada pelo trabalho livre, se o mesmo se tornar freqüente no país. O trabalho de escravos não pôde concorrer com ele durante um longo período. A inteligência, a atividade e perseverança de 100.000 operários livres, brancos, pro-

porcionarão ao Brasil maior riqueza e felicidade mais perpétua do que o trabalho de dois milhões de escravos negros».

Diante disso, o Govêrno procurou incrementar a imigração, que foi sempre crescendo. Até chineses foram experimentados, mas com menos eficiência do que a dos negros, pois não agüentavam o clima, e sua constituição magra e pouco musculosa não era apropriada para o trabalho insano da lavoura.

Entretanto, de há muito, já se esboçava uma reação contra esse estado de coisas. José Bonifácio, em 1823, e Feijó, em 1831, propunham medidas a favor dos negros.

Começaram a surgir as alforrias, por dinheiro ou testamento, revoltas e brados se erguiam em todos os recantos da Nação, em prol dos escravos. Todavia, os senhores de engenho e os fazendeiros resistiam, e encontravam apoio no próprio Govêrno Imperial.

E foi nesse ambiente que veio ao mundo aquele que iria ser o maior do abolicionismo, o mais corajoso deles, o moço que fez da luta contra o escravismo o tema constante de uma vida, infelizmente tão cedo truncada pelo Criador. Vida curta, mas heróica, intensamente vivida.

Em 14 de março de 1847, num domingo, às 10 horas da manhã, na Fazenda Cabaceiras, banhada pelo rio Paraguaçu, a sete léguas de Curralinho, hoje Castro Alves, nasceu Antônio de Castro Alves, filho do médico Antônio José Alves e de D. Clélia Brasília da Silva Castro. O pai do futuro poeta era filho de português e de baiano. Lutara, em 1837, na «Sabinada», ao lado do govêrno. O genitor de D. Clélia fôra o sargento-mor José Antônio da Silva Castro, um dos heróis das lutas pela Independência, na Bahia, tendo tomado parte saliente no «2 de Julho», data magna daquele grande Estado. Antes de Castro Alves, nascera José Antônio, o primogênito do casal; João foi o terceiro; vieram, depois, Guilherme, Elisa, Adelaide e Amélia. D. Clélia Brasília faleceu em 10 de abril de 1859 e o Dr. Antônio casou-se, três anos depois, com a viúva Maria Ramos Guimarães. Deste matrimônio, nasceu Cassiano, em 1865.

As impressões mais fortes da infância de Castro Alves foram a mucama Leopoldina, sua mãe de criação, a esplêndida e exuberante natureza em que viveu, e seu horror à escravidão. José Antônio chamava-o Cecéu, isto é, «irmão que veio do céu». Naquele rincão bendito, entre a maravilhosa flora tropical, entre livres folguedos pelas matas e pelos rios, viveu feliz e despreocupado, sempre alegre e brincalhão, realizando seus primeiros estudos no Colégio Sebrão. Em 1858, cursou o Colégio Baiano, de Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, o «Aristarco» de Raul Pompéia, em «O Ateneu».

Desde seus primeiros anos de escola, Castro Alves já fazia versos; as asas do futuro condor começavam a despontar. Aos 14 anos, profetizava e glorificava a unidade territorial e espiritual do Brasil:

«Se o índio, o negro africano,
e mesmo o perito hispano
têm sofrido escravidão:
Ah! não pode ser escravo
quem nasceu no solo bravo
da brasília região!»

Devorava Virgílio, Vitor Hugo (seu predileto), Camões, Lamartine e outros grandes românticos da época; mais tarde, viriam Dante, Musset, Byron, Espronceda, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, cada qual em diversas fases de sua vida, vibrante e atribulada. Desde criança, tendo aprendido francês, leu e traduziu Vítor Hugo, Segundo Jorge Amado, isso lhe permitiu avançar-se sôbre os demais jovens de seu tempo e libertar-se de Byron. Com Hugo, aprendeu o sentido literário e heróico da poesia e, com ele, vibrava pelos mais belos e puros sentimentos. Contudo, devemos notar que,

em sua mocidade, alcançou as alturas do gênio, em que Hugo, na mesma idade, ainda não atingira. Precoce e genial em literatura, todavia, não assimilava matemática, tendo sofrido duas reprovações em geometria, nos preparatórios para ingressar na Faculdade de Direito de Recife para onde seguira, em 1862. Finalmente, conseguiu matricular-se, em 1864, mas perde o ano por falta de freqüência, pois, de fins de 1864 a março de 1865, estivera na Bahia, já atacado do peito, apavorado com o fantasma da tuberculose. Ao voltar para o Recife, restabelecido, trava conhecimento, em viagem, com Fagundes Varela, a quem admirava, e logo se tornaram amigos. Talvez tenha sido êste quem o aconselhou a ir para São Paulo.

Na «Veneza Brasileira», em 1866, funda uma sociedade abolicionista, com Rui Barbosa, Augusto Guimarães e Regueira Costa. Cursava, então, o 2º ano e ia para o 3º, quando encontrou a atriz portuguêsa Eugênia Infante da Câmara, que ocupou lugar de tanto destaque em seu coração.

Castro Alves «era alto, forte, esbelto, de cotez levemente morena, ampla testa, olhos negros, rasgados e pestanudos, nariz direito, lábios sensuais, sombreados por um buço arrogante, linda bôca, queixo dominador e, sobretudo, na cabeça poderosa, a coma negra, retinta, luzidia, uma vasta e larga cabeleira, cuja sedução ele bem conhecia». Antes de sair de casa, olhava para o espelho e dizia, vaidoso: «Pais de família, temei: Dom Juan vai sair...»

A primeira vez em que se viram foi em 1863, no Teatro Santa Isabel, em Recife. Eugênia interpretava «Dalila», de Otavio Feuillet, e Castro Alves, ao declamar-lhe versos, fez a platéia delirar. No mesmo teatro, em 1867, o Poeta procedeu à leitura de «Gonzaga», para críticos e professôres da Faculdade, sob fortes aplausos.

Àquele tempo, os estudantes costumavam prestigiar as atrizes de sua predileção e estavam divididos em duas fortes correntes: uma, com Castro Alves à frente, aplaudida Engênia Câmara, e a outra, chefiada pelo sergipano Tobias Barreto, endeusava Adelaide do Amaral. A luta entre ambas as facções, ou melhor, ou melhor, entre os dois chefes, a princípio duelos de versos, tornaram-se logo àrduas, pois Tobias passou a atacar o vate baiano pela imprensa. Castro Alves, porém, não lhe dava muita importância e sempre se saiu bem dessas refregas. Na verdade, tudo não passava de ciúmes do sergipano, ao ver o encanto e a popularidade do jovem poeta abolicionista, que já aprendera que a liberdade é o bem supremo do homem.

Quando Eugênia e Ceceu se uniram, em 1966, tinha a atriz 29 anos e, o poeta, 19. Eugênia, abandonando sua companhia teatral, seguiu, com Castro Alves, para a Bahia, ali chegando em 1º de janeiro de 1867. Ambos tiveram entusiástica recepção, brilhando ele, ao declamar «O Dois de Julho». Em 3 de agosto, no Teatro São João, Eugênia recitava «O Livro e a América», em que o Poeta previa o futuro grandioso do continente americano, graças ao livro:

«Talhado para as grandezas
pra crescer, criar, subir,
o Novo Mundo nos músculos
sente a seiva do porvir».

Em 7 de setembro, data de nossa Independência, Eugênia representava «Gonzaga» e, no papel de «Maria», arrebatou o público, ao dizer:

«Sim, sim! O mundo inteiro saberá teu nome; e, quando os sertanejos embalarem seus filhos à sombra da floresta da América, cantarão os mártires de Minas; lembrarão o poeta e o tribuno, o revolucionário e o libertador!»

Castro Alves, contudo, amsiava por um palco maior. As asas do gênio queriam librar-se em regiões etéreas mais altas. A Côrte era sua primeira meta. Seguiu para o Rio de Janeiro, em fevereiro de 1868, levando consigo sua amada e uma carta de recomendação do grande parlamentar e tribuno Fernandes da Cunha para José de Alencar, então no apogeu. O romancista cearense e Machado de Assis louvaram-lhe intensamente os versos e a peça «Gonzaga» foi lida na redação do «Diário do Rio de Janeiro», na presença de Francisco Otaviano, Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes, Quintino Bocaiuva, Joaquim Serra e outros críticos e escritores, sob unânime aprovação.

Demorou-se pouco no Rio de Janeiro. Embora impressionando bem aos dois famosos romancistas e à crítica guanabarina, que não lhe pouparam elogios, o Poeta e sua musa rumaram para a «terra da garôa», onde chegaram em fins de março de 1868. São Paulo, então, era uma pequena cidade provinciana, a quem somente a mocidade acadêmica e as festas religiosas davam alguma animação. Hospedaram-se no Hotel da Itália, e, enquanto Eugênia Câmara tratava de teatro, com alguns atôres vindos do Rio, Cecéu passou a freqüentar a Academia do Largo São Francisco. Mas sua preocupação contínua é «Gonzaga». **«Está-se aqui doido por teatro»**, escrevia a um amigo. **Se há Virgílio e Horácio, em perspectiva, há Mecenas. «O Barão de Iguape pôs à disposição da emprêsa todo o dinhero preciso».**

O vate baiano estranhou bastante o frio paulistano. **«Faz frio de morte. Embalde estou embuçado no capote e esganado no cachené. Olhe, se leres poesias nebulosas, germanicas, tiritantes, híbridas, acéfalas, anômalas, não critiques nunca... São Paulo não é Brasil... é um trapo do Pólo, pregado com goma-arábica na fralda da América (como diria o Tobias).** Ele pagava em troça o ódio que lhe dedicava Tobias Barreto. **«Quanto à liberdade, inclino-me a preferir São Paulo ao Recife».**

Castro Alves tornou-se logo um ídolo da mocidade paulistana, dos seus colegas e até dos mestres, principalmente de José Bonifácio, o Moço, a quem se uniu por profunda afeição e admiração. Chegou a ofuscar a fama de Fagundes Varela e Álvares Azevedo. Quando declamou **«O Livro e a América»** e a «Visão dos Mortos», o entusiasmo contagiou o auditório. Escreveu para a Bahia: **«Foi uma bela reunião, quase um baile. Muitos** lentes **da Academia ali se achavam, o Saldanha Marinho, etc., e todos me receberam da maneira mais lisonjeira. Se algum dia obtive um triunfo, não foi noutro lugar. Em tôda parte, tenho encontrado uma pátria».**

Além do heroismo dos seus cantos, escreve Joaquim Nabuco, também seu colega, sua simples presença impressionava. No Rio, compararam-no a **Eurico, o Cavaleiro Negro**. Lúcio de Mendonça diz que sua presença causava admiração: «Era grande e belo como um deus de Homero».

Castro Alves escreveu em São Paulo seus mais sublimes cantos: **«O Navio Negreiro»** e **«Vozes d'África»**, além de muitos outros poemas, dos mais heróicos e comoventes que se escreveram em nosso idioma.

«E quando, como dizia Rui Barbosa, **surgia sua voz incomparável, encanto incomparável, encanto irresistível, dêsses que transfigura um orador ou um poeta, jacto contínuo dessa lavra sagrada, que fazia dos seus filhos uma criatura incendiada em sentimentos sublimes, vinha abaixo o teto».**

E se Deus ouvia as preces do Poeta, este apelava para a alma generosa de seu povo, nas mais lindas, nobres, elevadas e comovidas estrofes, que ficaram gravadas no coração dos brasileiros:

«Existe um povo que a bandeira empresta
para cobrir tanta infâmia e covardia!
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!
Meu Deus! Meu Deus! mas que bandeira é esta
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio, Musa... chora e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga,
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! Arranca esse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Eram versos candentes, poesia inspirada, rutilante, que os moços ouviam embevecidos, em êxtase. Dele, disse Amadeu Amaral: **«Ele foi o querido da mocidade e do povo, o mais amado, o mais fascinador, o mais compreendido dos nossos poetas, porque não foi apenas um poeta, foi um apóstulo e um propagandista, um lutador...»**. Castro Alves não foi só o mais ardente abolicionista, mas também um dos mais corajosos. Sentenciou Nabuco: **«O seu maior título é o de ter pôsto seu talento ao serviço da causa da emancipação, da liberdade e da pátria.»** E Rui Barbosa: **«Escrevera o poema da nossa grande questão social e da profunda aspiração que a tem de resolver.»** José Veríssimo: **«A sua influência foi enorme, as causas sociais e humanas as viu e entendeu e as cantou como poeta, poeta nacional, se não mais, poeta social, humano, humanitário»**. Previu, antes de Rio Branco, a lei de 1871:

«Senhor Deus! dá que a bôca da inocência
Possa ao menos sorrir.
Como a flor da granada abrindo as pétalas
Da alvorada do surgir!»

E saudava o raiar da liberdade, da **Lei Áurea**, que só viria em 1888:

«Moços, creiamos, não tarda
A Aurora da Redenção!

Da Paulicéia, comunicativa à Bahia: **«Os meus «Escravos» estão quase prontos Sabes como acaba o poema? Devo a São Paulo esta inspiração. Acaba no alto da Serra do Cubatão, ao romper da alvorada sôbre a América, enquanto a estrêla da manhã, lágrima de Deus pelos cativos, se apaga a pouco e pouco no ocidente. É um canto do futuro. O canto da esperança. E nós não devemos esperar? Sim, e muito, e sempre...»**

Castro Alves foi republicano antes de muitos que passaram para a História, mesmo dos signatários de manisfestos republicanos. Culpava a monarquia por esta tolerar a escravidão. Previu a queda da Coroa com a Abolição; sonhava um mundo diferente, uma Nação Única, a Grande Nação, e não uma Liga das Nações.

Apesar de todos os seus triunfos, porém, o Poeta sofria. Eugênia Câmara atormentava-o. Seja pelas ocupações intelectuais e os estudos, que o prendiam ao quarto da pensão, seja pelas atividades teatrais de Eugênia, a verdade é que, em São Paulo, já moravam separados, e os ciúmes de Castro Alves se justificavam, porque a atriz parcia esquecê-lo. E a mágoa do vate transbordava em versos:

«Se tu viesses... de meus lábios tristes
Romperia o canto... que esperança inglória!
Ela esqueceu o que jurar lhe vistes
Ó Paulicéia! ó Ponte Grande, ó Glória!

Entretanto, basta a presença de Eugênia para voltar-lhe a euforia:

«Batem! Que vejo! Ei-la afinal comigo!
Foram-se as trevas... Fabricou-se a luz...
Mimi! pequei... dá-me exemplar castigo!
Sejam teus braços... do martírio a cruz!

Castro Alves passava a maior parte de seu tempo na pensão em que morava, na rua da Santa Casa, hoje Riachuelo, indo muito raramente às aulas. E, ao invés de ouvir as lições dos mestres, quando lá comparecia, entretinha-se em escrever **«Laço de Fita»**, **«Boa Noite»**, **«Asveros e o gênio»**, em lugar de estudar as **Ordenações.** Pensava nas suas musas, que foram muitas. Seus colegas chamavam-se Rodrigues Alves, Afonso Pena (ambos futuros presidentes da República), Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Bias Fortes, Salvador de Mendonça, Brasílio Machado e tantos outros igualmente ilustres.

«Gonzaga», agora burilado, subiu à cena em 25 de outubro, com indescritível êxito, sendo o autor denominado **«o poeta republicano do Gonzaga».**

A Glória continuava bafejando o Poeta, mas ele continuava infeliz. As cenas de ciúmes e reconciliação alternavam-se. Eugênia prosseguia representando **Gonzaga,** mas o rompimento entre ambos não tardaria. Sobreveio, então, uma fase de apatia e prostração para o poeta, que não mais lia nem escrevia. Fumava incessantemente, e procurava a solidão. São Paulo oferecia poucas distrações e passeios. Castro Alves saía para caçar, mas voltava, quase sempre, horas e horas depois, sem dar um só tiro. Aquilo era mero pretexto para isolar-se e ficar a sós com suas penas de amor.

Certo dia, foi bem cedo para uma chácara, entre o Brás e a Moóca. À tarde, tomou da espingarda e embrenhou-se pelo mato adentro. Ao saltar um fôsso, a arma, que estava de cano voltado para baixo, disparou acidentalmente e a carga de chumbo se lhe alojou no pé esquerdo. Tombou ao chão e ali permaneceu longo tempo, gemendo de dor; a custo, conseguiu arrastar-se até à casa mais próxima. O médico baiano, Dr. Lopes dos Anjos, seu amigo, levou-o para a cidade, à rua do Imperador.

A partir desse dia, começou a **via crucis** do poeta. Seus males agravados pelos padecimentos pulmonares, tornaram-se desesperadores. Eugênia já o abandonara de vez. Valeram-lhe, naquele transe, os carinhos dos amigos, que lhe provocaram esta frase: **«A cada dor que me lacerava, tinha a mão de um amigo para apertar».** O próprio Presidente da Província, o Dr. Cândido Borges Monteiro, Barão de Itaúna, famoso cirurgião, examinou-o. Aureliano Coutinho, Carlos Ferreira, José Felizardo, seu colega de quarto, Américo de Campos, Ferreira de Menezes, Campos Carvalho, Lopes dos Anjos e Francisco de Paula Rodrigues, o benemérito «Padre Chico», foram seus anjos tutelares.

Seis meses depois, **«seis meses vividos na comunhão mais santa... em que a minha cabeça desfalecida encontrava sempre um bom coração para repousar»,** Castro Alves partiu para a Corte. Nessa data, 19 de maio de 1869, noticiava «O Ipiranga»: **«Vai, condor ferido. Mais alto do que tens voado, dominarás ainda as alturas dêste hemisfério».** Seguiu para Santos e, dali, para o Rio, em companhaia de Rubino de Oliveira. De São Paulo levava a saudade, o reconhecimento a essa terra onde tantos triunfos alcançara e tantos bons amigos deixara, e em seu coração cantavam estes versos:

«Das várzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de nevoa, ao surgir do Sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios
Das belas filhas do país do Sul.»

Chegou à Guanabara no dia 21. Seu estado causava lástima. Morreria de gangrena ou de tuberculose? As hemoptises repetiam-se e os bagos de chumbo continuavam no pé. Tudo tentaram para evitar a mutilação, que, afinal, se tornou indispensável. Cecéu estava impressionadamente débil, o que desaconselhava o uso do clorofórmio. Coragem, porém, não lhe faltava, e ainda tinha ânimo para sorrir de suas dores, insistindo com o operador:

— Corte-o, corte-o, doutor! Ficarei com menos matéria que o resto da humanidade.

Amputaram-lhe o pé pelo têrço inferior da tíbia, operação que durou apenas dois minutos. Estava ele, então, hospedado no lar de Luís Cornélio dos Santos, na rua Silva Manuel, n.º 3, onde recebeu todo o conforto físico e espiritual. Mas, antes de regressar à terra natal, quis ir aplaudir Eugênia Câmara, que se exibia no Teatro Fênix Dramática. Cecéu chegou cedo ao teatro, para que ela não o visse amparado em muletas. E falaram-se ainda uma vez, a última. Eugênia morreria ali mesmo, no Rio de Janeiro, em 29 de maio de 1874, três anos depois do Poeta.

Em 25 de novembro, Castro Alves retornou à Bahia. Viagem melancólica e triste. O condor regressava com as asas mortalmente feridas. Em **«Espumas Flutuantes»**, ele descreveria esse estado de alma, quando seus olhos cansados fitariam pela última vez **«a forma vacilante das montanhas, derradeiras atalaias dos meus arraiais da mocidade».**

A conselho médico, seguiu para Cachoeira, em 29 de julho de 1870. De fevereiro a julho, permaneceu em Curralinho, onde ainda batalhou para acabar com o vexatório mercado de escravos ali existente. O mal inexorável, entretanto, minava-lhe as últimas energias e a esperança começava a fraquejar. Depois de algum tempo na fazenda Santa Isabel, ei-lo de novo, no mês de setembro, em Curralinho. Em novembro, Cecéu teve uma das maiores alegrias de sua vida, já no ocaso: vieram a lume as **«Espumas Flutuantes»**, em que Coelho Neto vislumbraou o **«ritmo grandioso do coração da pátria».** Uma das maiores distrações de Castro Alves, nesse período tão sombrio de sua existência, foi o desenho. Deixou vários, encantadores pela delicadeza do traço: **Auto-retrato, Um Tabaréu, Alegria, Tanque de Curralinho, Paisagens, Figuras, Madalena aos pés da Cruz.**

Demos, agora, a palavra a Afrânio Peixoto, seu grande coestadoano e biógrafo:

«A hora fatal se aproxima, pois não espera mais a doença cruel, a tuberculose. Ia morrer, aos 24 anos. Cumprira, porém, brevemente, o seu destino: em seis anos, fôra do Recife a São Paulo, pela Bahia e pelo Rio, e arrebatara multidões, propagando a Abolição e a República; entoou os mais suaves cantos de amor e ardera na chama da paixão correspondida; levara à cena seu drama patriótico e impriira o seu livro imortal, sob bênçãos e aplausos».

E o mais possante intemerato defensor dos escravos, o mais sincero propagandista da República, o moço que vivera do amor e para o amor, emudeceu para sempre sua voz; a mais bela voz da poesia das Américas desapareceu às 15:30 horas, numa sexta-feira, em 6 de julho de 1871, na casa n.º 20 da rua do Sodré, em Salvador.

Sua última vontade: **«Assim que eu morrer cubram-me de flores e fechem logo o caixão.»**

As outras obras de Castro Alves somente seriam publicadas depois de sua morte, na seguinte ordem: **«Gonzaga e a Cachoeira de Paulo Afonso** (1876), **Vozes d'Africa** e **O Navio Negreiro** (1880), **Os Escravos** (1883). Em

1921, Afrânio Peixoto organizou as «**Obras Completas de Castro Alves**», em dois tomos. No 1º, **Espumas Flutuantes** e **Hinos do Equador**. No 2º, **Os Escravos, Gonzaga ou a Revolução de Minas, Relíquia** e **Correspondência**. Os originais da novela **Masaccio** e os das traduções da comédia **Clarinha** e **Clarim** e **Os passos do meu Amor** foram perdidos.

OS AMORES DE CASTRO ALVES

Intensa vida amorosa viveu o poeta. Amou mulheres de tôdas as classes sociais. Seus biógrafos citam, entre muitas, Idalina, a Musa de sua adolescência, dos primeiros tempos do Recife, quando começou a escrever «**Os Escravos**», Maria Cândida Garcez, a «estrêla transformada em virgem», Cândida de Campos, «nenúfar sôbre o azul do lago», Eulália Filgueiras, «visão do céu», Inês, Rosa de Espanha, talvez seu mais breve idílio, aquela que possuia «cachos escuros, belos», Leonídia Fraga, a virgem sertaneja, pela qual «em rosas mudaram-se os martírios». Sinhá Lopes dos Anjos, envôlta na garôa paulistana. E as três irmãs judias, da rua do Sodré, 1866, que moravam na casa fronteiriça à dele. Eram elas: Simy, Ester e Mary, tôdas muito formosas, inteligentes, como, em geral, são as moças de sua raça. O poeta tinha o coração transbordante de amor, mas a vigilância paterna não lhes permitia qualquer fuga.. Castro Alves gostava de vê-las de sua janela e elas lhe correspondiam, de longe, inspiravam-no. Pensando nelas, escreveu essa maravilhosa poesia **Hebréia**, dedicando-a, da maneira mais simples, **A mais bela**. Nos últimos meses de sua vida, ainda o coração lhe pulsou por uma italiana, cantora de uma companhia lírica, que fixara residência em Salvador, onde passou a ensinar canto e piano. Castro Alves, inflamável por natureza, logo se tomou de paixões pela bela peninsular, vendo «nos olhos fulgor de meteroros,, um céu de procela no escuro cabelo». **Agnese, fria Agnese, que não quiseste delirar de amor**...»

A tôdas ele amou, embora nem tôdas tivesse possuído, pois nascera para amar, mas nenhuma o dominou tanto como Eugênia Infante da Câmara, a inspiradora de tantas imagens líricas e opulentas. Era, além de atriz, fina intelectual, tendo publicado livros de poesia, em sua terra natal, e escrevera um drama: **Uma entre mil**. «Graciosa, esbelta, de meia altura, se não mais que mediana, basta cabeleira, tez pálida, grandes olhos, bôca rasgada, séria, delgada, bem feita», possuia, além disso, esse estranho encanto das mulheres vividas, que tanto sugestiona os homens».

Talvez, em seus últimos momentos, o poeta tenha visto desfilar ante seus olhos, já esgazeados, todos esses vultos queridos, que ele tanto amou: José Bonifácio, seu mestre e amigo, liberal de corpo e alma, Nabuco, Rui, Brasílio Machado. Fagundes Varela (gênio e desordem), Luís Cornélio, a mucama Leopoldina, tão carinhosa, seus pais, seus irmãos, mas, à frente de todos vem Zumbi e seus valentes negros dos Palmares. Grilhões rompidos, ombro a ombro, negros e brancos, todos filhos de Deus, numa fraternal união, os heróis que ele sublimou, Tiradentes, Gonzaga, Pedro Ivo, Andradas, os negros conduzindo a bandeira da Liberdade, sempre em marcha, sempre sofrendo injustiças, porém firmes, de pé, testa alta, para um mundo melhor.

A ABOLIÇÃO

Tendo falecido em julho de 1871, não pôde Castro Alves tomar conhecimento da promulgação da **Lei do Ventre Livre**, o que ocorreu em 28 de setembro daquele ano, graças, também, ao esfôrço de outro grande baiano, o Visconde do Rio Branco. E, dessa data em diante, não mais nascera mescravos no Brasil. Em 28 de setembro de 1885, outro grande passo foi dado, coma a **Lei dos Sexagenários** (também denominada Saraiva-Cotegipe), que tornava livres os escravos maiores de 60 anos.

Mas a **Lei Áurea**, declarando extinta a escravidão no Brasil sòmente foi assinada a 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel, a Redentora, que se encontrava no trono, achando-se ausente o Imperador, seu pai, D. Pedro II,

Foi um delírio em todo o País. Jornadas de emoção e entusiasmo. Brancos e pretos saíram à rua e queimaram os instrumentos de suplício. «A praça, a praça é do povo! — Como o céu é do condor! É antro onde a liberdade — Cria a água ao seu calor!»

Nas casas, porém, onde a consciência e o espírito de humanidade imperam, tudo se processou pacificamente. Escravos e senhores abraçavam-se como irmãos. E o negro passou a ser gente, vivendo ao lado dos brancos, com os mesmos direitos e obrigações, não mais lhe sendo negado o acesso às escolas, para estudar, e melhor servir à Pátria comum.

Cumpre notar, entretanto, que o sentimento popular e a reação eram fortes. Duas províncias emanciparam seus escravos antes da **Lei Áurea**: Ceará, onde a libertação se deu a 23 de março de 1884, quando se encontrava na presidência da província o grande abolicionista Sátiro Dias, e o Amazonas, cujos escravos foram libertos em 20 de junho de 1884, quando essa província era governada por outro não menos grande abolicionista, Teodureto Souto.